

“COMO NOS VELHOS TEMPOS”: O RIO DE JANEIRO E A MEMÓRIA DA CIDADE

Luciana Nascimento*

Dedico este trabalho a
Aline Cristina, Menina do
Rio que se tornou
Menina das Minas.

RESUMO

Este trabalho pretende tecer algumas considerações sobre a imagem da cidade do Rio de Janeiro, na letra da música “Como nos velhos tempos”, de Chico Anísio e Nonato Buzar, buscando enfocar a urbe como texto e registro da memória de um tempo.

Palavras-chave: Poesia – cidade – modernidade.

* Mestre em Estudos Literários pela UFMG; Doutora em Teoria e História Literárias pela UNICAMP. Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFAC.

A cidade pode ser entendida como pólo imantado que atrai, reúne e concentra os homens. Ela é o templo onde o homem celebra e promove dia após dia a sua habilidade de interagir e reinventar o meio ambiente. Fruto da imaginação e do trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza. Nesse sentido, falar sobre a cidade, essa vasta rede de múltiplas significações, pode ser uma atividade prazerosa, é uma oportunidade de ler, reler e repensar esse espaço criado em que se vive, onde as pessoas se agregam e desagregam e cada indivíduo é um e, simultaneamente, fragmento de um conjunto, parte de um coletivo.

Ao ler a cidade do Rio de Janeiro através da ótica da letra da música “Como nos velhos tempos”, de Chico Anísio e Nonato Buzar, nos é facultado desenhá-la, pois cada conjunto de versos apresenta fragmentos da cidade, que ao serem suturados em seu conjunto constroem um sentido, a partir de estilhaços, disseminados no discurso da canção. “Como nos Velhos Tempos” se inicia, no então, tempo presente -1979-, cujo movimento de memória se faz pelo “ontem no amanhã”, tecendo uma recordação dos anos 20, 30, 40 e 50:

Quero o bate-papo na esquina,
Eu quero o Rio Antigo
com crianças na calçada
Brincando sem perigo,
sem metrô e sem frescão,
O ontem no amanhã.
Eu que pego Bonde 12 de Ipanema,
Pra ver o Oscarito e o grande Otelo no cinema,
Domingo no Rian.
Me deixa eu quere mais, mais paz
Quero um pregão de garrafeiros,
Zizinho no gramado,
Eu quero um samba sincopado,
Taioba, bagageiro,
E o desafinado que o Jobim sacou.

Nesse primeiro conjunto de versos, Nonato Buzar e Chico Anísio partem da exposição dos velhos costumes, da conversa na esquina e das brincadeiras nas calçadas, que são interpeladas pela

presença de meios de transporte modernos, como o metrô ou o frescão-ônibus de tarifa diferenciada, aparelhado com ar-condicionado, em oposição ao “taioba”, vagão de bagagens, configurando, portanto, a perda de elos comuns que antes uniam os indivíduos a uma tradição social.

Lucrecia D’Alessio Ferrara ao fazer referência aos estilhaços da memória urbana, nos afirma que a cidade atual apresenta um processo generalizado, que tem como índice aniquilação do monumento e a apoteose do documento, anunciando, segundo a autora, uma renúncia à cidade como alegoria da história. (FERRARA, 1996.p.20)

Sob o ponto de vista nostálgico, os espaços perdidos são lugares que evocam tempos distintos, vividos pessoal e coletivamente. São memórias que, a partir de fatos, procuram unir presente e passado da cidade.

Referindo-se tanto a objetos como a lugares, Halbwachs acredita que o apego a eles e o desejo de que não mudem não pode ser explicado em termos de comodidade ou de estética, se explica pelo fato de que “nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros.”(HALBWACHS, 1990. p.20)

Tal qual Kublai Khan, o narrador de “As Cidades Invisíveis”, de Ítalo Calvino, que constrói imagens urbanas através da memória, Buzar e Chico Anísio reconstróem um Rio de Janeiro, no qual predominava uma euforia nacionalista com os campeonatos de futebol e com a famosa canção de louvor à terra, de Ari Barroso.

Relembrando o narrador de Calvino, o qual constrói imagens das cidades com a memória, lancemos um olhar sobre o que o viajante nos diz sobre a cidade de Zenóbia e suas mudanças urbanísticas: “não se sabe qual necessidade ou mandamento ou desejo induziu os fundadores de Zenóbia a dar essa forma à cidade, portanto, não se sabe se este foi satisfeito pela cidade tal como é atualmente, desenvolvida, talvez, por meio de superposições do indecifrável projeto inicial.”(CALVINO, 1995.p.36). A citação de Calvino nos aponta para a perda de uma idéia original, indecifrável, a qual a memória cultural tenta recupera, como é o caso da canção de Buzar e Chico Anísio, que evoca uma “cidade sem aterro, como Deus criou”. (ANÍSIO E BUZAR, 2004, faixa 8)

Há sobre uma cidade, outras urbes que têm o mesmo nome e que representam as muitas transformações pelas quais a mesma passa. Afinal, a cidade “nunca deixa mostrar suas rugas”.

A cidade, então se oferece à múltiplas leituras. Conforme sugere Kevin Lynch, em seu livro, *A imagem da cidade*, podemos

reencontrar a imagem da cidade nos leitores da mesma. Estes, por sua vez, escolhem pontos de referência para articular seu discurso.(LYNCH, 1982,p.20)

No discurso da canção, vai-se perdendo a legibilidade da cidade e da vida social de uma época, onde um sujeito estilhaçado lê ruínas, não reconhece a sua cidade e é justamente, através de uma escrita de fragmentos da memória, que o mesmo procura ler a cidade. No Rio de Janeiro das vozes evocadoras do passado, inscreve-se a memória. Dessa forma, cidade e memória encontram-se unidas pela redundância, como diz Calvino pela voz de Marco Polo: “a cidade é redundante:ela se repete de maneira que qualquer coisa se grava no espírito. A memória é redundante: ela repete seus signos para que a cidade comece a existir”.

A memória dos lugares que vão desaparecendo, fisicamente, devido ao desgaste do tempo e à intervenção da engenharia, tem seu espaço como objeto de saudade e de nostalgia, na letra da música de Chico Anísio e Nonato Buzar. Na canção “Como nos velhos tempos”, o Hotel Leblon é citado e o mesmo data dos anos 30, sendo a sua crônica repleta de trejeitos ocultos e curiosas histórias, bem com figura também, o corredor cultural da Lapa, o Capela Lanches e outros lugares da cidade, que remetem à uma memória emotiva das reminiscências. Walter Benjamin afirma que a imagem da cidade como reminiscência, não é representada pela “Rua de Mão Única”(BENJAMIN, 1987.p.30), mas por uma contramão, porque busca rememorar não a lembrança do que foi perdido, mas acender a curiosidade do porquê foram perdidos tais espaços, procedimento que recupera a memória urbana, tal qual podemos encontrar em “ Como nos velhos tempos”, de Chico Anísio e Nonato Buzar:

Eu que pego no meu rádio uma novela,
Depois vou à Lapa, faço um lanche no Capela,
Mais tarde eu ela, para os lados do Hotel Leblon.

Na canção, as reminiscências de um tempo passado cruzam os aspectos individual e coletivo num turbilhão alegórico, que mesclam a imagem da cidade como referente à uma imagem construída pelos autores, o que denota a busca de um espaço perdido, que é recuperado pela rememoração a nomes que marcaram e criaram, de certa forma, uma identidade da época, como Sérgio Porto, Walter Pinto, Ary Barroso e Dalva de Oliveira:

Quero o programa calouros
com Ary Barroso
O Lamartine me ensinando
Um lá, lá, lá, lá, lá, gostoso
Quero o Café Nice
De onde o samba vem.
Quero a Cinelândia estreando “E o vento levou”
Um velho samba do Ataulfo
Que ninguém jamais gravou
PRK30 que valia 100
Como nos velhos tempos.
(...)
Quero um som de fossa da Dolores
Uma valsa do Orestes, zum-zum dos Cafajestes
Um bife lá no Lamas,
Cidade sem aterro como Deus criou.
Quero o chá dançante lá no clube
Com Waldir Calmon
Trio de Ouro com a Dalva
Estrela Dalva do Brasil
Quero o Sergio Porto
E o seu bom humor.
Eu quero ver o Show do Walter Pinto
com mulheres mil
O Rio aceso em lâmpioes
E violões quem não viu
Não pode entender o que é paz e amor.

Ao reverenciar a memória de grandes personalidades já falecidas, Buzar e Anísio, chegam à derradeira constatação da inexorabilidade do tempo, numa trágica tomada de consciência, na qual se reafirma uma tradição. No que pesem as dificuldades, o elemento afetivo se faz presente, inclusive como vozes que ecoam de um passado e que instiga no sujeito poético o desejo de saber o porquê foram perdidos os lugares e os fatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão única*. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BUZAR, Nonato e ANYSIO, Chico. Rio Antigo. Como nos velhos tempos. *Rio 2004*.

CALVINO, Ítalo. *As cidades Invisíveis*. 8 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1982.